

ABORDAGENS HISTORIOGRÁFICAS: APONTAMENTOS PARA A HISTÓRIA DA SEXUALIDADE

HISTORIOGRAPHICAL APPROACHES: NOTES FOR THE HISTORY OF SEXUALITY

Ismael Antônio Vannini¹

VANNINI, I. A. Abordagens historiográficas: apontamentos para a história da sexualidade. **Akrópolis** Umuarama, v. 20, n. 1, p. 55-62, jan./mar. 2012.

RESUMO: O presente ensaio propõe um conciso debate relacionado o tema da sexualidade na História. Indica, sobretudo, o contexto historiográfico da Nova História e da História Cultural, suas tendências teóricas e metodológicas, que permitiram importantes transformações nas últimas décadas. Aponta para o tema da sexualidade que ganhou destaque e relevância no contexto do movimento historiográfico dos Annales. Ao apresentar os diferentes expoentes da sexualidade, destaca algumas das obras, que até o momento, formam o embasamentoteórico e metodológico para a pesquisa desta área. Sugere a idéia de que a sexualidade é um tema já legitimado no âmbito nacional e internacional e se constitui em um campo muito promissor para a pesquisa acadêmica. Por fim, procura demonstrar como os estudos relacionados à sexualidade, permitem um progresso interdisciplinar entre as áreas das ciências humanas.

PALAVRAS-CHAVE: História, Historiografia, Sexualidade.

ABSTRACT: The present essay proposes a concise debate related to the subject of the sexuality in the History. It indicates, especially, the historiographical context of the New History and the Cultural History, its methodological and theoretical tendencies, which permitted important transformations in the last decades. It points at the subject of the sexuality that has had highlight and relevance in the context of the Annales' historiographical movement. Presenting the different sexuality exponents, it emphasizes some of the works, that the present time, form the methodological and theoretical foundation for the research of this area. It suggests the idea that the sexuality is an already legitimized subject in the international and national scope and it constitutes itself in a very promising field for the academic research. Finally, it intends to show how the studies related to the sexuality permit an interdisciplinary progress among the areas of humanities.

KEYWORDS: History; historiographical; sexuality.

¹Doutor em História pela PUC, Professor e Coordenador do Curso de História da UNIPAR – Unidade de Francisco Beltrão.

INTRODUÇÃO

Este ensaio apresenta alguns dos debates historiográficos relacionados ao tema da sexualidade na História. A proposta está voltada, sobretudo em pontuar os aportes teóricos e metodológicos que a historiografia pós-moderna imprimiu no campo da pesquisa, em que a sexualidade, entre outros temas, ocupou a condição de objeto da História. Momento que a temática se consolidou como categoria de análise no conjunto das explicações das experiências humanas.

Nas últimas décadas as discussões intensificaram-se, fator que colocou em relevo o tema da sexualidade. Como é comum no interior da Academia, surgem variados posicionamentos em relação a sua base teórica de abordagem, apesar de consolidado é apresentado em releituras no conjunto de seus elementos. As abordagens dão conta de delimitar a sexualidade nas mais variadas implicações humanas. Ela figura como elemento da cultura, da religião, da demografia, da política, do Estado, da economia, da demografia, dos mercados matrimoniais, da família, dos jovens, dos sentimentos, dos crimes, etc. sempre como elemento integrante e determinante das relações humanas. No que tange a sexualidade, compreender suas nuances na vida social compreende um considerável desafio.

Com o movimento dos *Annales*, a historiografia já havia incorporado novos objetos e novos temas. Foi um fenômeno fortalecido a partir da década de 1960, quando novos caminhos permitiram ao historiador uma observação mais particular e regional do seu objeto. Multiplicando-se temáticas, houve diversificação de fontes e a história se propôs a buscar respostas por meio de outros olhares. A novidade metodológica procurou, com frequência, narrar a participação de pessoas comuns, direcionando o olhar para os acontecimentos ocorridos no cotidiano daqueles que não haviam, até então, protagonizado a história. Indivíduos simples e desconhecidos, mas que influenciaram os acontecimentos de seu tempo, passavam, então, com as novas concepções, a ocupar um lugar de relevo na reconstrução histórica.

A análise da sexualidade integra os princípios historicamente construídos em relação ao corpo. Além do papel da procriação, engloba as prescrições estabelecidas, bem como, os valo-

res e os sentimentos socialmente constituídos no interior dos diferentes grupos, tempos e espaços históricos.

BASES TEÓRICAS PARA A HISTORIOGRAFIA DA SEXUALIDADE

Até pouco tempo, a historiografia não voltava seu olhar para temáticas como a sexualidade e não propunha uma abordagem em menor escala. Essa realidade se alterou a partir das últimas décadas do século XX, quando do advento da “nova história”. Após a década de 1970, a historiografia assinalou o advento da micro-história e da história cultural. Sob esse olhar, originaram-se uma nova visão e definição do indivíduo moderno, como uma construção individual, típica das representações culturais de seu tempo. A história, então, passou a reconhecer as individualidades culturais como forças de manifestação social das relações coletivas.

Até as últimas décadas do século passado, as tendências filosóficas seguiam um paradigma hegemônico, no qual as definições estruturalistas, até então entronadas, delimitavam as macrorrelações deterministas para a historiografia. As bases do historiador partiam dos modelos macro-históricos, renegando as diversidades culturais e suas representações. As interpretações analíticas totalizantes não contemplavam o homem comum, pois as narrativas deterministas alicerçavam as estruturas, impondo as linhas condutoras. Nesse sentido, as diversidades culturais eram generalizadas, obedecendo a uma base de interpretação macroestrutural e da história vista de cima (CARDOSO; VAINFAS, 1997, p. 4).

A partir da década de 1970, a investigação histórica tentou realizar de outro modo a leitura das sociedades, partindo de pontos particulares e tomando como objeto os acontecimentos importantes ou obscuros de uma trajetória de vida, ou até a história de um grupo específico. A história cultural, formulando novos temas, elaborou também novas questões da prática histórica em variadas reflexões: “É apenas ao identificar as partilhas, as exclusões, as relações que constituem os objetos em estudo, que a história poderá pensá-los, não como figuras circunstanciais de uma categoria supostamente universal, mas, pelo contrário, como ‘constelações’ individuais ou mesmo particulares” (CHARTIER, 1990, p. 78).

As delimitações da história cultural apresentadas por Roger Chartier, um de seus principais expoentes, indica que “é preciso pensá-la como a análise do trabalho de representação, isto é, das classificações e das exclusões que constituem, na sua diferença radical, as configurações sociais e conceptuais próprias de um tempo ou de um espaço” (CHARTIER, 1990, p. 27).

Constantino observa que a microabordagem já é uma realidade consolidada na historiografia, tanto no âmbito da historiografia em geral, bem como na historiografia nacional.

Nas últimas décadas, no Sul do Brasil, a exemplo de todo o País, especificidades regionais são priorizadas nos estudos historiográficos. Na zona das antigas colônias, sob a liderança de pesquisadores vinculados à Universidade de Caxias do Sul (UCS), desenvolve-se produção acadêmica da maior importância, com ênfase na imigração veneta, predominante na área de colonização agrícola. Já no âmbito do Programa de Pós-Graduação em História da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), o estudo enfatiza a imigração em zonas urbanas e, conseqüentemente, a origem nas regiões meridionais italianas (CONSTANTINO, 2007, p. 69).

Carl Ginzburg, um dos principais autores da História cultural, define que a cultura determina conjuntos de normas que imprimem a forma positiva que os indivíduos devem seguir. São valores que ultrapassam as questões de ordem legal definidos como elementos constitutivos básicos da cultura. Se a base de organização dos grupos humanos são seus elementos culturais, há dificuldade em negá-los ou superá-los. “Da cultura do próprio tempo e da própria classe não sai a não ser para entrar no delírio e na ausência de comunicação” (GINZBURG, 1978, p. 10).

Para a história cultural, as estruturas do mundo social são historicamente produzidas pelas diferentes práticas cotidianas articuladas. É nesse contexto de demarcações e esquemas que se modela e se constitui a ideia de Chartier: “O objeto de uma história cultural, que leva a repensar completamente a relação tradicionalmente postulada entre o social, identificado com um real bem real, existindo por si próprio, e as representações, supostas como refletindo-o ou dele se desviando” (CHARTIER, 1990, p. 27).

A valorização do homem comum e a explicação dos fenômenos históricos, por meio da vida cotidiana ampliaram os caminhos da história. Sharp afirma que “esta perspectiva atraiu de imediato aqueles historiadores ansiosos por ampliar os limites de sua disciplina, abrir novas áreas de pesquisa e, acima de tudo, explorar as experiências históricas daqueles homens e mulheres, cuja existência é tão frequentemente ignorada, tacitamente aceita ou mencionada apenas de passagem na principal corrente da história”. (SHARP, 1992, p. 40).

Protagonizando os indivíduos comuns do Brasil Colônia, Lana Lage percorre o cotidiano amoroso familiar do século XVIII, desvelando a história ao olhar as camadas sociais inferiores. A autora escreve:

Deste renovado interesse surgiram (nas últimas décadas) inúmeros estudos sistemáticos que, a despeito das divergências ou acertos entre as diversas correntes, quanto ao tratamento específico do objeto de análise, focalizaram com êxito a importância da família. Homens e mulheres, antes testemunhos mudos da nossa história, ganharam feição, fala e presença na complexa trama de relações sociais que vivenciaram e ora recuperadas com vigor (LAGE, 1987, p. 9).

Figurantes inominados, poderiam ser vistos como inexpressivos na vida e no contexto histórico, como o foram por muito tempo. Analisar a história por meio desses indivíduos anônimos não significa entregar-se à permissividade, pois a temática propõe-se à diversificação e caracteriza a história com outro olhar. Nessa multiplicidade absoluta, Peter Burke observa que essa definição permite a reconstrução das experiências desde as dos pastores medievais até as dos trabalhadores industriais (1992, p. 40).

O historiador Boris Fausto, na elaboração de uma das principais obras de história e crime da historiografia brasileira, apesar de não usar o termo, retrata os primeiros anos do Brasil República com a visão da história de baixo. Com base em registros criminais do período 1880 a 1924, o autor contempla o cotidiano dos crimes da ascendente cidade de São Paulo. Fausto aborda o panorama das implicações sociais na criminalidade dos grupos populares, recriando o mundo das pessoas anônimas. Ao mesmo tempo, revela como no senso comum a história dos inominados é difícil de ser pensada como

um tema digno: “Os meus dedicados amigos do Arquivo Judiciário do Estado de São Paulo, por exemplo, talvez nunca tenham chegado a entender por que eu me preocupasse com pilhas de pacotes empoeirados, onde se amontoam dados sobre imigrantes obscuros e ladrões ‘pé-de-chinelo’.” (FAUSTO, 2001, p. 27).

Junto com as transformações da nova história, o tema da sexualidade ocupou um lugar de destaque e assinalou importante impulso após as obras clássicas de Michel Foucault publicadas na década de 1980. Tais obras se tornaram referência às novas gerações de historiadores sobre o tema. Nas palavras de Foucault sobre a sexualidade:

Muito mais que um mecanismo negativo de exclusão ou de rejeição, trata-se da colocação em funcionamento de uma rede sutil de discursos, saberes, prazeres e poderes; não se trata de um movimento obstinado em afastar o sexo para uma região obscura e inacessível, mas, pelo contrário, de processos que o disseminam na superfície das coisas e dos corpos, que o excitam, manifestam-no, fazem-no falar, implantam-no no real e lhe ordenam dizer a verdade. Todo um cintilar visível do sexual refletido na multiplicidade dos discursos (FOUCAULT, 1984, p. 71).

Na história da sexualidade, os caminhos abertos por Michel Foucault indicam também os novos rumos da historiografia. A partir da década de 1970, temáticas que até então eram consideradas irrelevantes passaram a despertar um interesse cada vez maior por parte dos historiadores. “Tanto no passado quanto no presente, acadêmicos e cientistas estudiosos da sexualidade humana sustentaram e têm sustentado poder criar uma ciência do sexo – uma disciplina objetiva, desapaixonada, factual, tão ‘científica’ quanto, digamos, a astronomia ou economia.” (FOUCAULT, 1984, p. 13).

Ao apagar das luzes do século XX, tornaram-se claras as manifestações e atitudes em relação à sexualidade; novas atitudes e conceitos passaram a ser problematizadas. Roy Porter destaca que, “na medida em que novas formas de sexualidade foram ‘descobertas’ ou aventadas, tornou-se progressivamente mais claro para a maioria dos comentadores que as inclinações sexuais e o desejo sexual não eram algo que pudesse ser reduzido ao biológico, ou biologicamente ‘dado’”. (PORTER, 1997, p. 12).

O estudo da sexualidade na área das ciências humanas vem aumentando significativamente, apontando para os aspectos culturais e políticos dos diferentes grupos sociais e enfatizando a relação do corpo, além das questões biológicas, médicas, químicas, etc. Nesse sentido, a sociologia, a antropologia e a história assumem um significado ímpar nas relações humanas.

No decorrer da história, as diferentes comunidades humanas, tanto as primitivas quanto as mais modernas e contemporâneas, organizaram sua estrutura de sobrevivência e produção. Na maioria das vezes, pelo menos ao que se sabe, a sexualidade fez parte da estratégia de sobrevivência, a ela sendo legados diferentes sentidos e valores. Ao longo do tempo, os impulsos sexuais humanos passaram por importantes transformações e as características de diferenciação comportamental ainda podem ser observadas na atualidade. Nas diferentes épocas e espaços geográficos, a humanidade estipulou regras, condutas e discursos sobre a vida sexual. Talarolli Junior assinala que a cultura e o meio social são fundamentais para definir a forma como as pessoas conduzem os impulsos sexuais e se relacionam sexualmente umas com as outras (TERALOLLI, 1997, p. 38).

Michael Foucault define os elementos culturais como a base das ações cotidianas que constituem a vida do indivíduo, inclusive de seu sexo: “O estudo da moral sexual deve determinar de que modo, e com que margem de variação ou de transgressão, os indivíduos ou grupos se conduzem em referência a um sistema prescritivo, que é explícita ou implicitamente dado em sua cultura, e do qual eles têm consciência mais ou menos dela.” (FOUCAULT, 1984, p. 211).

Pesquisadora da sexualidade, Magali Engel lembra que a produção historiográfica caracterizada por abordagens do cotidiano da sexualidade tem se tornado cada vez mais expressiva. A nova história, que, entre outros aspectos, distingue-se pela incorporação de novos objetos, trouxe à luz novas fontes de pesquisa, até então desprestigiadas. Entre as principais fontes de estudos referentes à sexualidade estão os processos jurídicos, civis, criminais e eclesiásticos, proclamando as condutas e vivências sexuais. (ENGEL, 1997, p. 307).

Na visão de Porter, as bases técnicas e documentais de pesquisa para a ciência da sexualidade são ampliadas e reivindicam autenticidade.

dade. Para o autor, o conhecimento desta ciência estabelece seu verdadeiro status por intermédio da mais alta autoridade, seja por placas de pedra, seja por escritos da escritura sagrada, que podem ser identificados em textos clássicos ou na biologia básica, ainda encontrados na história natural, nas doutrinas psicológicas ou nas normas legais (PORTER, 1992, p. 17).

Uma possibilidade de abordagem da sexualidade é proporcionada pelos registros criminais. Estes se consolidaram como fontes essenciais na busca da compreensão histórica dos grupos humanos, pois seus registros explicitam as características conjunturais das vivências cotidianas. O antropólogo francês Ronald Nossintchouk percorreu os diferentes períodos históricos, contemplando os crimes e a violência sexual. O autor identifica as características, os valores, as implicações e as normas das diferentes sociedades em relação aos delitos sexuais. Simultaneamente ao mundo dos crimes do sexo, desvela as múltiplas contemplações que a humanidade atribuiu e atribui à sexualidade. (NOSSINTCHOUK, 1993, p. 56).

Em pesquisa realizada na década de 1980, baseada nos registros criminais das visitas inquisitoriais no Brasil Colônia, Ronaldo Vainfas analisa a sociedade da época pelos registros nos crimes sexuais arrolados na teia inquisitorial. As visitas no Brasil originaram uma gama de inquéritos e processos nos quais vários historiadores se embasaram para analisar os fenômenos históricos do período. Partindo dos registros do Santo Ofício na Colônia, nasceu a possibilidade de aventar o contexto da Metrópole e as implicações da Igreja no momento da Contra-Reforma. O próprio Vainfas contemporiza as implicações entre os registros criminais da inquisição brasileira com a conjuntura histórica.

No conjunto do trabalho, analisando as condutas sexuais na Colônia ou sua decifração e culpabilização no Palácio dos Estados ou nas visitas inquisitoriais, procuro inserir o cenário brasileiro no quadro mais amplo possível da América, da Península Ibérica e da Europa, efetuando as possíveis comparações em vários domínios. (VAINFAS, 1997, p. 16).

Seguindo o caminho dos inquiridos, Lana Lage também se propõe a análise dos processos crime das visitas do Santo Ofício no Brasil Colônia. A historiadora percorre os registros,

destacando as diferentes formas de interrogatórios e confissões na teia inquisitorial nos crimes da sexualidade. Destaca números apontando que, na primeira visita do Santo Ofício no Brasil, das 62 confissões registradas 30 dizem respeito a delitos de ordem sexual, entre sodomia, bigamia, sedução e outras proposições escandalosas. Lage afirma que “as confissões constituem, entre outras fontes inquisitoriais, uma documentação extremamente rica para os estudos sobre a sexualidade, merecendo, por isso mesmo, um tratamento a parte” (LAGE, 1987, p. 37).

Os processos judiciais também recebem destaque com a historiadora Maria B. Niza da Silva ao descrever o sistema de casamento no Brasil Colonial, analisando aproximadamente duzentos processos arrolados pela Justiça da época. Os dados revelam as normas sexuais do sistema de matrimônio e os desvios sexuais das condutas dos cônjuges, o que levou à intervenção da Justiça nas dispensas matrimoniais, nos divórcios e nas nulidades de casamentos. A obra da autora permite, entre outras, a constatação das inúmeras implicações atinentes à vida amorosa e moral da sociedade colonial e faz aflorar as questões sobre virgindade, sedução e crimes sexuais, bem como os discursos do Estado e da Igreja no cotidiano sexual da sociedade (SILVA, 1994, p. 56).

Inúmeras são as obras de historiadores que retratam a sexualidade no Brasil Colônia por meio de processos crime, dos quais extraem elementos contemplativos de todo o universo histórico, como fez Mary Del Priore. Suas obras *Ao sul do corpo e Mulheres no Brasil Colônia* desvelam as condições femininas na sociedade e destacam questões sobre preconceito, exploração, prostituição, virgindade, maternidade, pecado, entre inúmeras outras vivências do cotidiano sexual feminino. Vale lembrar outros autores não menos importantes, como Luz Mott, que contempla os fenômenos da homossexualidade; Laura de Melo e Souza, que analisa o embate entre os padres e as feiticeiras do Brasil Colônia, bem como Celeste Zenha, com o casamento e a sexualidade no cotidiano da Justiça colonial, e, ainda, Magali Engel, revelando aspectos de prostituição e da vida feminina nos bordéis.

Outra obra marcante que retrata o cotidiano popular do Rio de Janeiro da *Belle Époque* nos anos primeiros da República é alvitre do historiador Sidney Chalhoub. Com base nos

registros dos crimes sexuais, ele recria o mundo dos trabalhadores cariocas e traça o perfil deste grupo social. Seguindo as definições de Fausto, podemos identificar também em Chalhoub as bases metodológicas na análise dos crimes, pois ambos apontam para a regularidade dos acontecimentos como elemento imperativo na definição das condutas sociais. Poderíamos, então, dizer, com base em Fausto e Chalhoub, que a repetição de certos comportamentos num grupo social consolidaria determinadas características históricas fundamentais. Aventando os registros criminais da *Belle Époque* carioca, Chalhoub enfatiza como a frequência dos acontecimentos permitiu a sistematização de sua obra *Trabalho, lar e botequim*:

Os vários detalhes do cotidiano destes personagens que aqui se insinuam, como o movimento frequente entre o local de trabalho e o botequim e vice-versa. O importante é estar atento as 'coisas' que se repetem sistematicamente: versões que se reproduzem muitas vezes, aspectos que ficam mal escondidos, mentiras ou contradições que aparecem com frequência (CHALHOUB, 1986, p. 21).

Essa regularidade apontada por Fausto e Chalhoub, permite identificar e caracterizar os comportamentos e representações históricas da cultura em relação aos valores e aos delitos sexuais. Bem mais que simples registros quantificáveis, os registros traduzem as tensões reais da sociedade, aproximando o vivido das interpretações ditas ilícitas da sexualidade e seus significados. Para Chalhoub, "os significados devem ser buscados nas relações que se repetem sistematicamente entre as várias versões, pois as verdades do historiador são estas relações sistematicamente repetidas" (CHALHOUB, 1986, p. 23).

A abordagem do tema da sexualidade, significa uma tentativa de construir explicações válidas do social, partindo das versões conflitantes apresentadas por diversos agentes envolvidos direta ou indiretamente nos acontecimentos. As versões, os discursos e o contexto incidem efetivamente sobre as coisas e fatos, possibilitando ao historiador o acesso ao conjunto dos fenômenos históricos.

Chalhoub atenta para esses fatos e assinala que "resta ao historiador a tarefa árdua e detalhista de desbravar o seu caminho no sentido dos atos e das representações que ex-

pressam, ao mesmo tempo em que produzem, as mais diversas contradições sociais." (CHALHOUB, 1986, p. 24). Por meio dessas contradições presentes nos fenômenos da sexualidade é possível pensar em aspectos morais e sexuais de uma cultura.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Indicamos aqui, portanto, algumas das bases teóricas e metodológicas que a historiografia vem fazendo uso para estudos históricos do tema da sexualidade. Tema que leva a História a desnudar os mais variados elementos que implicam a formação e organização dos grupos humanos. Sempre presente nas estratégias das diferentes sociedades e no transcurso da história, a sexualidade congregou valores e princípios que superaram sua função primitiva e biológica da reprodução da espécie. Com importantes implicações relacionados ao sistema patriarcal, predominante após o nascimento das sociedades excedentes, cumpriu a função delimitadora do núcleo familiar legatário. Também foram atribuídos imprescindíveis valores, com a sexualidade sendo elevada a quesito de ordem moral e religiosa, cumprindo limites nos ideais positivos, estabelecidos como camufladas relações de poder.

A sexualidade humana tem uma História, construída em milhares de anos e que sempre esteve nas estratégias de organização e normatização dos grupos humanos. O que pode ser observado é que a partir da segunda metade do século XX, o tema foi incorporado nos mais variados campos da ciência. A partir dele, emergiram explicações para diferentes áreas do conhecimento humano. Observa-se uma vasta produção bibliográfica, tanto em nível internacional como nacional, apesar de que os especialistas das ciências humanas apontam que no Brasil as pesquisas abordam a temática de forma superficial.

A conjuntura científica expõe um área da pesquisa, em boa parte, ainda a ser desenvolvida, imprescindível para aprofundar o conhecimento dos dispositivos da sexualidade no nosso país. A sociologia e a psicologia são áreas do conhecimento, que próximas à história, também estão se atendo ao tema da sexualidade. Os programas de pós-graduação em História, sobretudo, dedicam-se cada vez mais a esta temática desvelando diferentes estratégias e elementos

dos grupos humanos.

Enfim, parece que não há mais dúvidas de que a sexualidade incide de forma determinante na composição das sociedades, nas estratégias físicas e nos elementos culturais.

REFERÊNCIAS

CHALHOUB, S. **Trabalho lar e botequim**: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da Belle Époque. Rio de Janeiro: Brasiliense, 1986.

CHARTIER, R. **A história cultural**: entre práticas e representações. Tradução de Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

CONSTANTINO, N. S. de. Imigração italiana e história: tendências historiográficas no Rio Grande do Sul. In: GIRON, L. S. RADÜNZ, R. (Org.). **Imigração e cultura**. Caxias do Sul: Ediucs, 2007. p. 61-72.

ENGEL, M. O médico, a prostituta e os significados do corpo doente. In: VAINFAS, R. (Org.). **História e sexualidade no Brasil**. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

FAUSTO, B. **Crime e cotidiano**. São Paulo: Edusp, 2001.

FOUCAULT, M. **A história da sexualidade**: o cuidado de si. Rio de Janeiro: Graal, 1988. v. 3.

_____. **A história da sexualidade**: o uso dos prazeres. Rio de Janeiro: Graal, 1988. v. 2.

_____. **A história da sexualidade**: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1988. v. 1.

_____. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

GINZBURG, C. **O queijo e os vermes**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

LIMA, L. L. G. da. **Mulheres, adúlteras e padres**: história e moral na sociedade brasileira. Rio de Janeiro: Dois Pontos, 1987.

MOTT, L. Escravidão e homossexualidade. In: VAINFAS, R. (Org.). **História e sexualidade no Brasil**. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

NOSSINTCHOUK, R. **O êxtase e a ferida**: cri-

mes e violências sexuais da antigüidade aos nossos dias. Tradução Maria Bragança. Portugal: Dom Quixote, 1998.

PORTER, R. História do corpo. In: BURKE, P. (Org.). **A escrita da história**. São Paulo: Unesp, 1992.

SHARP, J. **A história vista de baixo**. In: BURKE, P. (Org.). **A escrita da história**. São Paulo: Unesp, 1992.

SILVA DIAS, M. O. da. **Quotidiano e poder em São Paulo no século XIX**. São Paulo: Brasiliense, 1995.

TELAROLLI JUNIOR, R. Sociedade, cultura e desejo: a sexualidade humana. In: KUPSTAS, M. (Org.). **Comportamento sexual**. São Paulo: Moderna, 1997.

VAINFAS, R. (Org.). **História e sexualidade no Brasil**. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

ZENHA, C. Casamento e ilegitimidade no cotidiano da justiça. In: VAINFAS, R. (Org.). **História e sexualidade no Brasil**. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

HISTORIOGRAPHICAL APPROACHES: NOTES FOR THE HISTORY OF SEXUALITY

RESUMEN: The present essay proposes a concise debate related to the subject of the sexuality in the History. It indicates, especially, the historiographical context of the New History and the Cultural History, its methodological and theoretical tendencies, which permitted important transformations in the last decades. It points at the subject of the sexuality that has had highlight and relevance in the context of the Annales' historiographical movement. Presenting the different sexuality exponents, it emphasizes some of the works, that the present time, form the methodological and theoretical foundation for the research of this area. It suggests the idea that the sexuality is an already legitimized subject in the international and national scope and it constitutes itself in a very promising field for the academic research. Finally, it intends to show how the studies related to the sexuality permit an interdisciplinary progress among the areas of humanities.

PALABRAS CLAVE: History; historiographical; sexuality.

Arquivos de Ciências Veterinárias e Zootecnia da Unipar

Orgão de Divulgação Científica de Ciências Veterinárias e Zootecnia da Universidade Paranaense

ISSN 1415-8167



- Publica trabalhos na área de Medicina Veterinária, Zootecnia, Zoologia
- Periodicidade: Semestral
- e-mail: arqvet@unipar.br

O CONHECIMENTO NÃO É NADA SE NÃO FOR COMPARTILHADO

